

FUI RACISTA, MAS FOI SEM QUERER, MAS SE SERVIR À UMA SENHORA TUDO BEM: Como entender as disputas simbólicas atreladas ao racismo e à “escravidão” contemporânea dos participantes do BBB24?<sup>1</sup>

Farida Rabia Sequeteiro<sup>2</sup>

Flavi Ferreira Lisboa Filho<sup>3</sup>

## RESUMO

O texto apresenta uma discussão em torno do reality show BBB24, exibido pela Rede Globo. Nesse texto, nos propomos analisar questões raciais perpetrados pela elite branca, rica e privilegiada contra um jovem negro de periferia. Para a fundamentação teórica, buscamos o aporte de Bel hooks, (2019); Oliveira e Santos (2023); Frantz Fanon (2028) entre outras bibliografias de apoio. A pesquisa está centra no método da Análise Cultural Midiática de Raymond Williams com o suporte da análise textual. Como resultado verificamos que o debate sobre o Racismo no Brasil suscita ainda grandes reflexões e que a Mídia continua a ser um dos grandes veículos para a reprodução de atos racistas, principalmente em conteúdos de “entretenimento”, onde ninguém se responsabiliza ou é responsabilizado por esses atos.

**Palavras-chave: escravidão; racismo; servidão; disputas simbólicas; democracia racial.**

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

<sup>2</sup> doutoranda em Comunicação na UFSM, do Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades sob orientação acadêmica do Prof. Dr. Flavi Ferreira Lisboa Filho.

<sup>3</sup> pesquisador Bolsista do CNPq, nível 2, Doutor em Comunicação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria

## 1. Considerações Iniciais

Considerando à origem da exploração do homem pelo homem, temos a servidão que se refere a condição em que um indivíduo está legalmente, economicamente ou socialmente sujeito ao controle de outro. Marc Bloch, em sua obra "A Sociedade Feudal" (1939), explora à estrutura social e econômica do feudalismo, incluindo a relação entre senhores e servos. Quando falamos sobre disputas simbólicas lembramos de Bourdieu na sua obra "A distinção" (1979) onde refere que a cultura dispõe de um campo fértil onde grupos sociais disputam para exercer o controle dos significados, símbolos e práticas culturais. A cultura aparece como um mediador dos gostos e preferências culturais que por sua vez, vão servir de base para a distinção social e disputa entre diferentes classes. Já no conceito de democracia racial temos a ideia de que o racismo é um tema ultrapassado e que todas as raças e etnias convivem em harmonia, tendo os mesmos direitos e oportunidades.

Numa sociedade considerada racista, o Brasil reproduz de diversas formas o estereótipo do homem negro retirando constantemente sua autonomia de ser.

Com um olhar centrado na observação do programa BBB24 e com aporte teórico de autores como Oliveira e Santos (2023); Fanon (2008); Hooks (2019) realizamos uma análise da postura dos participantes do reality e percebemos momentos bastantes críticos onde as personagens brancas protagonizaram atos racistas com um corpo negro e essas atitudes foram suavizadas pela mídia, possivelmente, em nome do entretenimento. No decorrer do texto, trazemos a análise desses momentos a luz dos autores, mas sem deixar de expressar a nossa indignação pelo cenário, que foi considerado uma "amostra" do retrocesso das lutas antirracistas pela postura adotada pela emissora e alguns participantes.

O programa *Big Brother Brasil (BBB)* é um *reality Show* brasileiro produzido e exibido da Rede Globo desde janeiro de 2002 onde teve a sua primeira e segunda edição, sendo que a partir da Terceira edição o programa passou a ser anual.

Em 2024, *BBB* foi exibido de 8 janeiro com a final em 16 de abril. Tinha a apresentação de Tadeu Schmidt e direção geral de Rodrigo Dourado, sob a direção de núcleo de Boninho.

Nesta edição, participaram 26 jogadores divididos em dois grupos: Pipoca com 20 jogadores (Leidy Elin; Maycon; Lucas Pizane; Deniziane; Marcus Vinicius; Beatriz; Matteus; Nizam; Alane; Farnanda; Lucas Luigi; Davi Brito; Raquele; Thatyta; Giovanna; Juninho; Michel; Lucas Herinque; Isabele e Giovanna Pitel. O Segundo grupo chamado camarote era composto por 6 jogadores (MC Bin Laden; Yasmin Brunet; Vanessa Lopes; Wanessa Camargo; Vinicius Rodrigues e Rodriginho). No trabalho foram usados os recortes das personagens brancas (Wanessa Camargo e Yasmin Brunet) e os personagens negros (Davi Brito e Leidy Elin) durante a sua participação no programa entre Janeiro e fevereiro de 2024.

Para efeitos da pesquisa, o estudo é baseado na Análise Cultural-Midiática de Raymond Williams (2003) que é uma metodologia usada pelo grupo de pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidade da UFSM, com suporte da análise textual.

Na análise feita por Steffen et al (2020) a teoria cultural desenvolvida por Williams (1979) fornece bases epistemológicas que ajudam no desenvolvimento de percursos metodológicos onde a cultura ocupa posição central na pesquisa. Assim,

“a primeira seria da tradição seletiva, visto como uma versão da tradição histórica que é intencionalmente escolhida de um passado modelador, perpetuada pelas pressões e limites hegemônicos. A estrutura de sentimento, que vai mostrar de forma clara as dimensões residuais, emergentes e dominantes que coexistem na sociedade, as quais conferem ao processo social um caráter dinâmico, contestatório e variável” (Steffen et al; 2020, p.25).

A estrutura de sentimento é vista como um método de análise que compõe as categorias dominante; residual e emergente. Assim, a dominante seriam os elementos hegemônicos de uma cultura, as relações que se estabelecem entre elas e como umas predominam sobre as outras; residuais práticas que surgem e são substituídos ou mesclamos por outras, mas com resquícios e vestígios de características de práticas passadas; o residual são práticas que resistiram à cultura dominante e ainda operam no presente.

Para entender este procedimento teórico-metodológico, assim como explicam Steffen et al (2020) é preciso aprofundar o conceito de cultura na visão de Williams.

De acordo com Williams (1992, p. 11) citado por Steffen et al (2020, p.26), a cultura

“compreende sentidos diversos, [...] desde um estado mental desenvolvido – como em “pessoa de cultura”, “pessoa culta”, passando pelos processos desse desenvolvimento – como em “interesses culturais”, “atividades culturais”, até os meios desses processos – como em cultura considerada como as artes e o trabalho intelectual do homem. Em nossa época é o sentido geral mais comum, embora todos eles sejam usuais. Ele coexiste com o uso antropológico e o amplo uso sociológico para indicar “modo de vida global” de determinado povo ou de algum outro grupo social” (Steffen et al 2020, p.26)”

Desta feita, Williams (2003) apresenta três níveis de cultura: Cultura vivida, que é presencial; Cultura registrada, que são as obras de arte, vídeos, documentos, entre outros; e, por último, a Cultura da tradição seletiva, que funciona como um mecanismo de resgate e incorporação de práticas do passado no presente.

Nesta pesquisa, com base no circuito de Williams da cultura vivida e registrada, percebemos que as estruturas de sentimento de caráter residual sobre o racismo são bastante fortes na sociedade. Através do recorte da cultura registrada (o programa BBB24) é possível verificar que as práticas racistas ainda estão enraizadas no cotidiano das pessoas, principalmente as mais privilegiadas como as personagens de Wanessa e Yasmin.

## **2. Uma análise da escravidão africana ao racismo brasileiro**

A humanidade, desde a antiguidade, sempre experimentou cenários ligados à escravidão entre os povos. Numa primeira definição de escravidão, Souza (2003) escreve:

Define-se escravidão como uma forma de exploração, cuja característica específica se encontra numa relação entre dois seres humanos, um considerado sujeito e proprietário e outro considerado objeto e propriedade. O escravo era descrito como um objeto de propriedade, alienável e submetido ao seu senhor, uma pessoa interiormente sem direitos, que podia ser destinada a qualquer tipo de trabalho, punida, dependendo da vontade do seu senhor, morta como vítima de sacrifícios, comprada ou vendida como mercadoria, dentro ou fora da comunidade de origem. (Souza, 2003, p.14).

No caso da África, os primeiros registros foram observados no Antigo Egito como também no médio oriente e no ocidente.

Com aporte teórico de Souza (2003) constatamos que antigamente, na África (escravidão interna e pré-colonial), predominava a escravidão doméstica, que consistia na conquista de escravos por via de guerras internas culminando com a dominação do povo derrotado para trabalhos em plantações e outros afazeres mais simples; o outro tipo de escravidão era baseado em delitos, que consistia em subjugar pessoas que cometessem algum tipo de delito considerado grave na sua comunidade; em casos de extrema necessidade, como a fome, por exemplo; pela religião (islâmica), pois as pessoas acabavam se convertendo à religião por ela não “permitir” a escravidão e; por fim, o tráfico de pessoas, que se deu com a chegada dos europeus às nações africanas. Até aqui, o conceito de raça e cor não faziam parte de mecanismo de exploração entre os homens.

Com a invasão Europeia, o Outro deixa de existir. Começa-se a assistir os primeiros indícios da desumanização do outro pela sua origem e raça. Esta escravidão tem a principal característica a estratificação do outro pela sua cor/raça. Dá-se início ao Racismo.

O racismo, como argumentam Oliveira e Santos (2023) é entendido como uma categoria usada para segregar e justificar a dominação de determinados povos sobre outro. Banaji considera o racismo como sendo:

(...) uma forma de discriminação sistemática, ideologicamente motivada, nas dimensões material e discursiva, baseada em uma crença consciente ou inconsciente na superioridade dos membros de uma “raça” -geralmente caucasianos, de pele “branca” - sobre membros de outras “raças” (Banaji, s/d, p.37).

O conceito de racismo apresenta, mesmo que de forma sutil, algumas características que não devem ser ignoradas. Se olhar sob ponto de vista discursivo, principalmente, percebemos que a mídia hegemônica contribui de forma significativa para a reprodução estrutural e sistemática, por vezes de forma consciente, para a reprodução de estereótipos que inferiorizam o corpo negro em relação à branquitude.

Nesse ponto de vista, percebemos que a questão de raça e racismo, vai funcionar de forma estrutural nas esferas de poder, tanto material, discursivo ou simbólico cuja

implementação confere, muitas vezes, a negação de direitos de uns em detrimento de outros e, que no Brasil, acaba se tornando um grande divisor que fomenta e aumenta situações como discriminação e desigualdades entre as pessoas.

### **3. O racismo estrutural e estereotipado do corpo negro**

Schucman (2014) afirma que o Brasil se configura como uma sociedade racista e que a mídia se tornou mais um veículo para a propagação de discursos que impulsionam cada vez mais a supremacia branca.

O controle de imagens nos meios de comunicação de grandes audiências, por via de programas populares, torna-se cada vez mais preocupante e gritante. O *reality* BBB24, aflorou a discussão sobre racismo e branquitude. Pudemos observar posturas totalmente enraizadas no racismo que foram/são propagadas pelos participantes brancos em relação a um participante negro.

É preciso considerar que o racismo é um instrumento que cria fronteiras externas e extremas entre brancos e negros, bem como distinções internas que hierarquizam os brancos através de outros marcadores sociais, como classe social, gênero, origem, regionalidade e fenótipo (Schucman, 2014, p.136).

O negro, na personagem de Davi, encontrava-se regularmente em situações de humilhação, subjugação, opressão e micro agressões, onde muitas vezes, presumia-se e relacionava-se suas atitudes, postura, linguagem e seu ser com a sua origem racial e classe social. Vemos falas um tanto problemáticas ao relacionar Davi com “ladrão, psicopata, manipulador...” entre outros dirigidos a uma pessoa sem influência, isolado, sem mesmo ter a vez de fala para poder se defender.

Se olharmos as inúmeras vezes em que estes participantes (Wanessa, Yasmin e Davi) protagonizaram discussões acesas, geralmente Davi era inibido de falar ou mesmo de dar sua opinião e até mesmo de se defender de acusações a que muitas vezes foi imputado. Aqui, a questão do diálogo perdeu totalmente seu valor, a medida em que é permitido que apenas um lado exponha suas ideias, opiniões e “acusações”. Assim, buscando Ribeiro (2019) sobre o lugar de fala e de escuta, espera-se que sempre esses lugares, num processo comunicativo sejam circulatorios.

Neste ponto de discussão, vamos nos cingir na relação entre a participante branca (Yasmin) e a negra (Leidy Elin), pelo viés da servidão (a escravatura contemporânea). Ao contrário da discussão anterior, aqui assistimos uma participante negra que se alia às participantes brancas para subjugar um outro negro. Em diversos episódios, durante discussões que aconteciam entre a Yasmin, Vanessa e o Davi, a Leidy sempre saía em defesa das duas sem questionar, sem saber do ponto de partida da discussão e, em alguns episódios exibidos em fevereiro, “comprava” a discussão para si mesmo que ela não estivesse envolvida no assunto.

Um dos pontos mais comentados nas plataformas digitais foi do episódio em que Yasmin discutia com Davi, Leidy saiu mais uma vez em defesa da Yasmin contra o Davi, sem saber do ponto inicial da discussão, tendo a Yasmin se afastado e ficado apenas a olhar, de longe, o “espetáculo”. Essa cena rendeu por vários dias muita revolta nas redes sociais online onde as pessoas comentavam frases como “Dois negros brigando entre si, sobre assuntos que não os diz respeito enquanto a branca assiste o espetáculo sorrindo”.

Como explicam alguns autores, uma das heranças do colono é a assimilação dos valores da branquitude pelos negros, o levando a crer que desta forma poderiam usufruir dos mesmos privilégios. Fanon (2008) fala de como um negro depois de ter contato com a “civilização” se enche de orgulho e passa a identificar-se como explorador.

Quando relacionamos esses acontecimentos a uma escravidão contemporânea baseada na servidão, nos referimos ao fato de que a da Leidy se deixa instrumentalizar ao ponto de reviver a crítica história da “senzala e casa grande”, onde os negros eram vistos sob ponto de vista de servir a senhora branca.

A imagem que a Leidy transmite é de uma regressão histórica das lutas e da militância de uma minoria que sempre foi pisoteada, em todos os níveis pela sociedade.

#### **4. Considerações finais**

O debate sobre racismo e branquitude suscita grandes reflexões na sociedade, principalmente quando assistimos as situações midiáticas que se dedicam a replicar esses estereótipos de pessoas negras através de imagem em reality shows. Com a reflexão que a pesquisa se propõe a fazer, percebemos que se tem um caminho longo e penoso para a militância antirracista uma vez que, a branquitude vem mascarando suas intenções

racistas e mais grave ainda é quando o negro perde a consciência da sua luta e se coloca, de forma voluntária, na posição subalterna. Analisando o discurso e a narrativa dos personagens, percebemos que Wanessa e Yasmin em muitos episódios se dirigiam ao Davi de forma Racista, assim como demonstravam suas expressões faciais e tom de voz, sempre muito alterado e imponente. Por algum tempo o Davi foi considerado vilão, manipulador, inculto e burro pelas duas personagens, mas muitas das suas falas percebemos sempre uma tentativa de desconstrução do estereótipo de bandido, preguiçoso, agressivo que lhe foram atribuídos, mostrando atos de serviços positivos em relação aos outros participantes, muitas vezes cozinhando e fazendo limpeza por e para eles, um dado importante também é a sua constante imposição naquele espaço, falando sempre da sua origem e trajetória e de como isso o possibilitou ser o que ele era que se sentia orgulho por isso. Por sua vez, a Wanessa e a Yasmin, dentro do *reality* se apresentavam como superiores, que não poderiam partilhar o mesmo espaço com alguém “diferente” delas. As personagens delas em vários diálogos reproduziam e reforçavam os estereótipos racistas. Vemos um diálogo da Wanessa e seus aliados onde ela afirma ter medo do Davi porque no passado foi assaltada por um homem negro. Este diálogo da personagem levanta a máxima racista de que “Todo homem negro é bandido, agressivo, inculto, etc...”

Essas interações racistas muitas vezes foram comparadas com eventos fora do programa, relacionados à eventos reais tanto para os participantes quanto para a audiência, o que gerou diversos debates em outros meios midiáticos, contra e à favor de cada postura dos participantes, o que revelou em grande medida como a sociedade tenta suavizar e normalizar falas, interações e atitudes racistas protagonizados, principalmente por pessoas privilegiadas que fazem parte da elite.

Portanto, vimos que o Brasil continua a ser considerado pelos autores aqui mencionados, uma sociedade racista e segue propagando valores racistas em todos os campos sociais, incluindo na mídia hegemônica.

## Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, P. A distinção. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2008
- FANON, F. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.
- GUIMARÃES, C. S. O comércio de escravos na África Ocidental e Centro-Ocidental – século XVI. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH . São Paulo, julho 2011.
- HOOKS, B. Olhares negros: representação e raça. São Paulo, 2019.
- OLIVEIRA, O. B.; DOS SANTOS, P. H. C. Aspectos De Raça, Classe E Gênero Para Pensar Comunicação No Contexto Brasileiro: uma abordagem interseccional sobre colonialidade do poder, do saber e do ser. 32º Encontro Anual da Compós, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo - SP. 03 a 07 de julho de 2023.
- SCHUCMAN, L. V. Branquitude e Poder: Revisitando O “Medo Branco” No Século Xxi. ABPN • v. 6, n. 13 • mar. – jun. 2014 • p. 134-147.
- SECRETO, M. V. Novas perspectivas na história da escravidão. Tempo (Niterói, online) | Vol. 22 n. 41. p.442-450, set-dez.,2016
- SILVA, T. Teoria racial crítica e comunicação digital: conexões contra a dupla opacidade. Reserch gate. Dezembro 2019.
- STEFFEN, L. S; HENRIQUES, M. N.; FILHO, F. F. L. Análise cultural-midiática como protocolo teórico metodológico de pesquisas em comunicação. São Paulo. **Intercom**. 2020.
- SOUZA, T. T. B. A. Escravidão interna na África, antes do tráfico negreiro. Rio de Janeiro. Vértices.2003